

A Segunda Pátria e a distopia de um Brasil distante (ou não)

Jackson Raymundo¹

SANCHES NETO, Miguel. *A Segunda Pátria*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

Instigante exercício de ficcionalização acerca de um dos períodos mais trágicos da História da humanidade no século XX, *A Segunda Pátria*, de Miguel Sanches Neto, prima por trazer o nazismo e a Segunda Guerra para a realidade brasileira. Ao fabular um alinhamento da região Sul do Brasil, de forte presença alemã e italiana, aos países do Eixo, Sanches Neto dissecou diferentes faces do confinamento: aqueles físicos, exercidos sob a forma de prisão, de trabalho forçado em campos de isolamento ou de cárcere privado, e também aqueles psicológicos e sociais, como as separações étnico-raciais e os amores difíceis.

A criação literária que subverte a historiografia oficial tem tido relativamente escassa incidência na literatura brasileira contemporânea. O livro de Miguel Sanches Neto, de 2015, ousa ao forjar uma história inverídica, porém não inverossímil - trata-se de um romance essencialmente distópico. Nele, a própria noção de verdade não é absolutizada, fundindo e confundindo episódios e personagens: a parte mais meridional do Brasil é cedida à Alemanha nazista pelo presidente Getúlio Vargas; Adolf Hitler visita Porto Alegre, principal cidade desse Brasil nazista; em vez dos judeus, os negros são aprisionados nos campos de trabalho forçado; Getúlio é morto asfixiado por Gregório Fortunato, o seu homem “sombra”, em um acesso de indignação contra a escravização imposta a seus irmãos de cor; Oswaldo Aranha, após incentivar o ato de Fortunato, assume a presidência do Brasil, instalando-se uma guerra civil e prendendo os alemães.

Os fatos acima descritos, que não chegaram a acontecer (talvez por uma boa sorte histórica), têm como ponto transversal o tema do confinamento. O protagonista Adolpho Ventura/Trajano (“Adolpho” foi o nome dado pelo padrinho rico) é um homem negro que, de maneira exclusiva, estuda junto aos brancos em Blumenau (Santa Catarina), e mais tarde vai morar no Rio de Janeiro, onde é laureado como engenheiro.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado e doutorando em Letras pela mesma instituição. Instituto de Letras/UFRGS. CEP: 91501-970, Porto Alegre - RS. E-mail: jackson.ufrgs@outlook.com

Apesar da cor, buscava ser um alemão, possuindo conhecimento farto da língua e da literatura alemãs. Tamanho interesse cultural o fazia flertar com as ideias nazistas. Após retornar a Blumenau, é discriminado na cidade, passando por uma série de situações que levam ao seu encarceramento. Obrigado a trabalhar de modo forçado na Fazenda Vita Nova, um campo de trabalho localizado provavelmente no interior do Paraná, se vê impellido a ocultar a sua formação, adquirindo novos códigos e tentando equiparar-se a seus iguais em meio a esse cenário de escravidão.

[Trajano] Sabia que só seria aceito se não falasse no tempo em que convivera intensamente com os alemães, em que fora um deles, e também se não se mostrasse mais inteligente do que os outros trabalhadores. Agora, suas mãos ásperas, rachadas pelo trabalho e pela terra vermelha que encarde tudo, não apresentavam diferença nenhuma em relação às dos outros cativos. [...] Todos os caminhos nos devolvem ao início. (SANCHES NETO, 2015, p. 260)

A representação do campo de trabalho forçado feita pelo autor-narrador aproxima os campos de isolamento nazistas à prática da escravidão negreira vigente no Brasil durante mais de três séculos (no período em que se passa a história, apenas 50 anos fazia que a escravidão fora abolida no Brasil). A tortura, a imposição da fome, o cerceamento rígido da liberdade e o trabalho não-remunerado são pontos em comum com a escravidão anteriormente praticada nas fazendas brasileiras.

Se o confinamento nos campos de trabalho faz refletir sobre a condição do negro, a outra protagonista do livro, Hertha, serve para representar dilemas acerca do lugar da mulher naquele contexto. Sobrinha criada como filha de um pequeno comerciante de Blumenau, é uma personagem que se destaca pela beleza e expressiva liberalidade sexual. Por vezes representada como uma “ninfomaniaca”, não tem impedimentos morais acerca de sua sexualidade, apesar de seguir o catolicismo e de já ter militado nas hostes da juventude hitlerista.

A beleza e a sensualidade de Hertha cativarão muitos homens, chegando até mesmo a se relacionar com Adolf Hitler em sua visita a Porto Alegre. É aí que entra um outro tipo de confinamento, porém com características distintas: aquele provocado pelo cárcere privado. Num primeiro momento, Hertha é levada para o Hotel Majestic, um dos mais prestigiados da Capital gaúcha, onde é minuciosamente preparada para um encontro que ela não sabe qual será; lá, não pode sair de sua suíte, sendo guarnecida por seguranças armados. No segundo momento, encontra-se com o Führer. A cena ocorre em um local tenebroso, dentro de um túnel, no qual a personagem tem de andar despida

e não tem noção de tempo e de espaço. Diante da escuridão e da postura de personagens misteriosos, o clima tem aura de mistério e repugnância.

A narrativa faz refletir também sobre pelo menos outras três modalidades de confinamento, desta vez de tipo subjetivo: o ideológico (nazista), que aprisiona as pessoas em torno de causas e preconceitos que levam ao ódio e à desagregação social; o de classe social, que deixa as pessoas das comunidades pobres presas ao seu espaço, sem igualdade em relação para quem vive nos lugares mais abastados; e aquele gerado pelo amor incondicional. O primeiro perpassa todo o romance, fazendo com que as pessoas se evitem por causa da ascendência étnica e do fenótipo.

O segundo tipo de confinamento, o de classe social, se explicita quando os pais de Adolpho/Trajano, João e Erendina, fogem de casa após verem seus vizinhos serem presos. A eles era imposta a proibição de andar nas ruas após 22 horas. Socialmente, havia uma visão negativa acerca de seu espaço: Adolpho, quando estava bem, relutava em visitar os pais, só o fazendo após sua casa ter sido arrancada pelos nazistas. Esse confinamento social, cabe ressaltar, é irmão gêmeo da discriminação racial contra negros.

A terceira categoria de confinamento fica clara na personagem Hertha. Nos momentos finais, é revelado o seu amor desde a infância por Adolpho/Trajano. No entanto, é um amor difícil, praticamente irrealizável. Quando é presa por sua suposta relação com o nazismo, Hertha diz: “Tinha estado detida todos esses anos. O amor é também um cativo” (SANCHES NETO, 2015, p. 309).

É importante destacar a relação entre confinamento com a loucura. Hertha, após ter sido encarcerada e abusada em Porto Alegre, enlouquece e é tratada como mendiga nas ruas de Blumenau. Adolpho/Trajano passa por momentos de delírio em seu aprisionamento e na posterior fuga do campo de trabalho.

A constituição fabular de Miguel Sanches Neto, com imaginativos cenários históricos e densas realidades de confinamentos físicos e morais, não se esgota em seu exercício criativo. Mais do que hipótese não realizada de um passado apavorante, tem-se metáforas de um mundo em que o racismo, a violência sexual e o ascenso do ódio nazifascista seguem atuais e presentes, retroagindo a práticas que dão cabo da democracia e da liberdade e criam novas faces de confinamento.